

Antonio Gramsci o americanismo e o fordismo

Roberto Leme Batista

Como citar: BATISTA, R. L. Antonio Gramsci o americanismo e o fordismo. *In:* DEL ROIO, M. (org.) **Trabalho, política e cultura em Gramsci**: os 70 anos da morte de Gramsci. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 7-10. DOI: <https://doi.org/10.36311/2007.978-85-60810-06-2.p7-10>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Antonio Gramsci o americanismo e o fordismo

Roberto Leme Batista*

Este trabalho analisa como Gramsci apreende o fenômeno Americanismo e do Fordismo, os meios pelos quais o taylorismo e fundamentalmente o fordismo se constituiriam no fenômeno que viria a nortear o desenvolvimento industrial, servindo como norte ideológico na organização da economia e do universo simbólico-cultural do americanismo no século XX.

Antonio Gramsci é levado a ocupar-se com o problema do americanismo e do fordismo em decorrência da vitória do fascismo na Itália, fato que corresponde à derrota do movimento operário. O corporativismo fascista destrói a combatividade da classe operária, que passa a ser mero apêndice do Estado. Isto constitui-se para Gramsci em problema a ser resolvido pela práxis.

Analisando o corporativismo fascista, Gramsci observa haver nos Estados Unidos da América um fenômeno moderno, resultado de uma economia programática, em que as relações sociais de produção são organizadas pelos homens de forma muito diferente daquilo que ocorre na revolução passiva italiana. Gramsci busca compreender como se organizam a economia e o universo simbólico cultural, a partir das formas de trabalho, suas relações e mediações com a produção da subjetividade humana no concreto histórico.

Para Gramsci há nos Estados Unidos da América, uma racionalização da sociedade que gera um ambiente determinado, uma estrutura social e também um tipo de Estado determinado, enfim uma reunião de condições necessárias que geram uma densidade demográfica e uma integração orgânica da economia, que garantem um ambiente favorável ao sistema de organização racional, facilitando o desenvolvimento capitalista.

Gramsci, portanto, ocupa-se com a reflexão sobre o fordismo em decorrência das "diversas tentativas para introduzir na Europa alguns aspectos do americanismo e do fordismo",¹ que, na opinião do líder comunista, era inconciliável com "a velha e anacrônica estrutura social demográfica européia", pois a indústria americana de Ford possui "uma forma moderníssima de produção e de modo de produzir"².

Segundo Gramsci, "o americanismo em sua forma acabada, exige uma condição preliminar," qual seja, a existência de "uma composição demográfica racional". Na América não há classes numerosas sem função essencial. Não há "classes totalmente parasitárias", sem função no mundo da produção, como ocorre na Europa, onde:

... a 'tradição', a 'civilização' (...) caracteriza-se pela existência de tais classes, criadas pela 'riqueza' e a 'complexidade' da história passada, que deixou um punhado de sedimentações

* Doutorando em Ciências Sociais - UNESP/Marília.

¹ GRAMSCI, A. *"Americanismo e Fordismo"*, Maquiavel, a Política e o Estado Moderno. 2ª ed. RJ, Civilização Brasileira, 1976, p. 377

² Ibidem

passivas através dos fenômenos de saturação e fossilização do pessoal estatal e dos intelectuais, do clero e da propriedade agrícola, do comércio de rapina e do exército inicialmente profissional. ...³

Após discutir longamente o parasitismo social existente na Europa, mostrando como ele deteriora as condições de existência do operário e também do camponês, ou seja, daquele que é obrigado a sobreviver do trabalho manual, Gramsci afirma que:

...cada sistema tem a sua lei das proporções definidas na composição demográfica, seu equilíbrio 'ótimo' e desequilíbrios que, não sendo corrigidos através de uma legislação oportuna, podem se tornar catastróficos, pois esgotam as nascentes da vida econômica nacional, sem contar outros elementos de dissolução...⁴

Na visão do autor em questão, os Estados Unidos da América, apesar de não "possuir grandes tradições históricas e culturais", favorece o desenvolvimento da produção racionalizada, do tipo fordista, pois não está envolvida pela "camada de chumbo" que representa as classes parasitárias. Este fenômeno facilita a acumulação de capitais na América, além de possibilitar às classes populares um nível de vida superior ao do europeu. A racionalização da produção e do trabalho é facilitada pelos antecedentes históricos, permitindo ao fordismo a destruição do sindicalismo operário de base territorial e a persuasão através dos altos salários, benefícios sociais diversos, propaganda ideológica que convergem para um sistema bem arquitetado de dominação de classe.

Para Gramsci, nos Estados Unidos da América, graças à ausência da sedimentação social de classes sociais parasitárias enraizadas no passado histórico, como acontece na Europa, a hegemonia vem da fábrica, pois toda a vida do país está baseada na produção. Neste sentido, afirma que na América:

a racionalização determinou a necessidade de elaborar um novo tipo humano, conforme ao novo tipo de trabalho e de produção (...). A ausência da fase histórica européia, que, inclusive, no campo econômico é assinalada pela Revolução Francesa, deixou as massas populares americanas no estado primitivo, devendo-se acrescentar a isto a ausência de homogeneidade nacional, a mistura das culturas-raças, a questão dos negros.⁵

Gramsci parte do pressuposto que na Itália o enraizamento da acumulação de capitais do tipo feudal, o sistema corporativista e a forma jurídica existente dificultam a transformação industrial do tipo fordista. Para ele, a política econômica predominante na Itália era extremamente prejudicial à modernização econômico-social da nação. A modernização da Itália na perspectiva do americanismo exigia a superação urgente da forma jurídica do Estado. O Estado corporativista é incompatível com o americanismo. Este exige um determinado tipo de Estado: o liberal.

O processo de racionalização da produção e do trabalho, verificado na América é uma forma radical de controle dos operários, onde o elemento fundamental é o proibicionismo, elemento ao qual a racionalização está intimamente ligada. Gramsci afirma que "...os inquéritos sobre a vida íntima dos operários, os serviços de inspeção criados por algumas empresas para controlar a 'moralidade' dos operários são necessidades do novo método de trabalho..."⁶

³ Ibidem

⁴ Idem, p. 381.

⁵ Idem, p. 382

⁶ Idem, p. 396.

O pensador italiano, analisando o fenômeno fordista, afirmava que a nova base produtiva e os novos métodos de organização do trabalho “estão indissolivelmente ligados a um determinado modo de viver, de pensar e sentir a vida; não é possível obter êxito num campo sem obter resultados tangíveis no outro.”⁷ O fordismo constitui-se em uma forma particular de caráter progressivo do desenvolvimento das forças produtivas do capital, com capacidade para apropriar-se das inovações da Revolução Técnico-científica do final do século XIX e da forma de gestão da organização Científica do Trabalho, dando a elas uma nova forma de racionalização.

Gramsci, nesta linha de argumentação irá ressaltar que é o controle e o proibicionismo exercido pelo capital sobre o trabalho que permitem “...compreender a importância, o significado e o *alcance objetivo* do fenômeno americano, que é *também* o maior esforço coletivo realizado até agora para criar, com rapidez incrível e com uma consciência do fim jamais vista na História, **um tipo novo de trabalhador e de homem**”.⁸

O fordismo para além do proibicionismo puritano puro e simples, constitui-se também no desenvolvimento de uma nova ética do trabalho que se expressa na regulamentação de uma “nova ética sexual”. Os homens do capital interessam-se por tudo na vida de suas famílias, inclusive pelo controle das relações sexuais de seus dependentes. Ou seja, o processo de constituição de um novo tipo de homem passa necessariamente pela regulamentação racional do instinto sexual. Do contrário a racionalização da produção e do trabalho estará seriamente prejudicada.

As transformações, no entanto, exigem mudanças de muitas das instituições sociais estruturadas de acordo com o regime de acumulação que antecedeu o Fordismo. Neste sentido: “Questões de sexualidade, de família, de formas de coerção moral, de consumismo, e de ação do Estado estavam vinculadas, ao ver de Gramsci, ao esforço de forjar um tipo particular de trabalhador ‘adequado ao novo tipo de trabalho e de processo produtivo.’”⁹

Entretanto, para Gramsci, é necessário entender que as relações entre estrutura e superestruturas são dialéticas, razão pela qual a perspectiva teórico-metodológica tem que buscar o entendimento das mudanças superestruturais não como simples e meras decorrências de transformações nas estruturas; quando, ao contrário, as mudanças superestruturais podem desencadear mudanças estruturais através de práticas político-culturais.

Para finalizar, é importante ressaltar que para Gramsci, o que melhor exprime com cinismo brutal o objetivo da sociedade americana são os princípios de Taylor, quais sejam:

...desenvolver ao máximo, no trabalhador, as atitudes maquinais e automáticas, romper o velho nexos psicofísico do trabalho profissional qualificado, que exigia uma determinada participação ativa da inteligência, da fantasia, da iniciativa do trabalhador, e reduzir as operações produtivas apenas ao aspecto físico maquinal.¹⁰

É interessante lembrarmos que esta foi a fórmula utilizada por Taylor para selecionar o operário do tipo bovino.

⁷ Id. Ibidem.

⁸ Idem, p. 396 (os grifos são meus).

⁹ HARVEY, D. op cit, p. 121-122.

¹⁰ Idem, p. 397.

CONCLUSÃO

O líder comunista italiano apreende criticamente em sua análise, a “essência” do fordismo, traduzindo-o como um fenômeno moderno, que representava, naquela época, década de 1930, o sistema mais avançado de racionalização da produção e do trabalho. A história se encarregou de demonstrar isso, pois o fordismo se constituiu durante várias décadas na forma de ser do capital. Gramsci tece também uma importante análise das implicações desse fenômeno sobre a URSS. A via americana de desenvolvimento capitalista, expressa pelo fordismo não poderia constituir-se em “modelo” para o socialismo. Este, no dizer de Marx teria que forjar sua poesia no futuro.